

INTERVENÇÃO

REVISTA DE ANIMAÇÃO
SÓCIO-CULTURAL

Nº 2 2ª Série
Revista Mensal
Preço: 40\$00

Fevereiro de 1982



RELANÇAR!

Atravessamos o deserto da superestrutura cultural. Estão gastas as formas dos "cozinhados" que se fazem nas diferentes capitais e salas da cultura. Descansemos que ninguém nos vai salvar. É talvez a altura (há quanto tempo dizemos tudo isso) de relançar o que sentimos e o que assumimos lá mesmo no fundo. É nisso que a Intervenção quer participar. **Assumir o Relançamento**

Relançamento que passa por estas trocas de experiências que se vão fazendo nas associações culturais, na aldeia, no espaço da cidade, no local de trabalho, **em Nós**. É por isso que queremos esta revista periódica e assumida colectivamente.

Mas fazer uma revista de animação sócio-cultural para quê? Com que objectivos? Para alimentar o que já existe ou para o pôr em causa, para se assumir em permanente ruptura, para ser uma realidade dinâmica na acção sócio-cultural?

Duma coisa estamos certos: não estamos interessados em assumirmo-nos como alimento do que já existe, em veiculador do que se pratica a nível das superestruturas culturais, do aparelho de Estado. É necessário assumir esta distância com cada vez maior clareza.

Um projecto cultural é necessariamente um projecto libertador. E a Intervenção quer ser veículo e instrumento dessa libertação, daqueles que no dia a dia, na prática concreta, a assumem.

Para o conseguirmos teremos de ser um espaço não monolítico, um espaço de debate das diferentes práticas que existem no movimento cultural e associativo. E neste número começamos a lançar pistas para essa discussão. O artigo "Que é feito



do movimento associativo e cultural" — é o pontapé de saída. Para que as jogadas seguintes sejam realizadas por todos aqueles que têm coisas a dizer. E sabemos como são muitos, como muitos fomos nos "Encontros das Associações", como muitos somos ainda os que acreditam na necessidade imperiosa e urgente dum projecto cultural alternativo — um projecto que seja capaz de permanentemente se pôr em causa, de se ligar duma forma íntima e dinâmica ao real quotidiano de que somos parte inteira.

Em discussão está também esta revista. Porque não nos sentimos os donos da verdade, os iluminados, o seu perfil está a ser realizado por tentativas; para que também ele espelhe o dinamismo que queremos esteja patente no dia a dia cultural. O Carnaval é um primeiro tema que abordamos de forma diversificada. Dois temas estão já programados: que projectos para as associações culturais ligadas ao consumo e à produção, e outro sobre o espaço de vida das pessoas, o significado da sua transformação, a sua importância. Outros se seguirão. Mas para que os temas vão de encontro às vossas necessidades mais profundas é necessário que haja canais de comunicação entre os que produzem a revista e aqueles que a lêem, para que a corrente exista, para que este projecto editorial se assuma d'outro modo.

Participar é, cada vez mais, a palavra chave.

M.R.
C.F.

Em Abril, no nº 4 da Intervenção, haverá uma abordagem ao espaço de vida das pessoas, aos seus trajectos, à sua evolução, ao que se ganha e se perde com a sua transformação.

Em Abril procuraremos saber dos espaços de encontro das pessoas, de como eles têm vindo a desaparecer, de como têm vindo a ser reencontrados.

Concerteza que tens alguma coisa a dizer, alguma experiência para divulgar, algum queixume por um espaço que nos era querido e que se perdeu.

Escreve. Participa.



AGRADECEMOS A:

• BISSCHOPPELIJKE VASTENAKTIE
NERDERLAND

• FUNDO DE APOIO
AOS ORGANISMOS JUVENIS



Fotografia da capa cedida pelo grupo
"Marionetas de S. Lourenço"
FOTO — CARLOS COSTA MÁSCARA — HELENA VAZ



R. de Santiago, N.º 18, 1100 Lisboa

A UTILIZAR
SOMENTE
NO CONTINENTE
E ILHAS ADJACENTES

RSF

NÃO CARECE
DE SELO
O PORTE SERÁ PAGO
PELO DESTINATÁRIO

**BILHETE-POSTAL
RESPOSTA**

AUTORIZADO PELOS C.T.T.

INTERVENÇÃO

T

APARTADO 21064
1127 LISBOA CODEX

INTERVENÇÃO

ASSINE

- 6 números — 200\$00 :
12 números — 360\$00 ☐
APOIO — 500\$00 ☐
- assinale
o tipo de assinatura
escolhido

Para fazer a sua assinatura, preencha e envie-nos este postal, juntamente com a respectiva importância em vale de correio ou cheque.

Nome

Morada

Distrito

Assino a partir do N.º (inclusive)

Desejo receber os n.ºs. atrasados

*Faça de um seu amigo
um amigo nosso*

Se obtiver, além da sua, a assinatura de um amigo, duma colectividade ou organismo, seria para nós uma prova de amizade e uma boa ajuda

Nome

Morada

Assino a partir do N.º (inclusive)

Desejo receber os n.ºs. atrasados

INTERVENÇÃO

FEVEREIRO 1982

DIRECÇÃO

Mário Ribeiro
Carlos Fragateiro

REDACÇÃO

A. Santos Silva
Filomena Viegas
Henrique Araújo
Isabel Pato
José Ferreira
José Roseira
Lucília Salgado
Luísa Nora
Luís Martins
Luís Mourão
Miguel Horta
Rodolfo Proença de Jesus

DIRECTOR INTERINO

Mário Ribeiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

E ILUSTRAÇÕES
Miguel Horta

PROPRIETÁRIO

Luís Martins

SECRETARIADO

Natalina Rosa

ADMINISTRAÇÃO

Jorge Azevedo

FOTOGRAFIA

FOTOGRAFIA

Mariano Piçarra

PUBLICIDADE

Isabel Gonçalves

COLABORAM NESTE

NÚMERO

Gabriela Ribeiro
José Mariano Gago
José Sardinha
Maria de Lurdes Rodrigues
"Marionetas de S. Lourenço"
Teresa Gonçalves
João Piçarra

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

GRUA, Artes Gráficas Lda.
Calç. Barbadinhos, 114-A
1100 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO

Dijornal — Distribuidora de Livros
e Periódicos, Lda. — Rua Joaquim
António de Aguiar, 64, 2º Dtº.
1000 Lisboa

PREÇO DESTE NÚMERO

40\$00

ASSINATURAS

6 n.ºs. — 200\$00
12 n.ºs. — 360\$00
Preço apoio — 500\$00

TIRAGEM

3.500 exemplares

REDACÇÃO EM LISBOA

Rua de Arroios, n.º 88, 1º
1100 Lisboa

CORRESPONDÊNCIA

Apartado 21064
1127 Lisboa Codex

Misteriosa, a ilha do José
Mariano Gago PÁG.4



Ora cá temos o Carnaval e uma
mão cheia de artigos:



Carnaval, espaço de transgres-
são e prazer PÁG.5

Projecto de um grupo d
mulheres PÁG.6



O Carnaval é uma festa
popular! PÁG.8

Travesti
Mudar o quê
para quê? PÁG.10



Em Strasbourg são os palhaços
os habitantes PÁG.12

A Lucília escreve-nos uma
carta PÁG.14



"Um bairro, ruas, casas e povo
abandonados pela
cidade" PÁG.16



Coluna a coluna PÁG.17

Daqui e dali PÁG.18

Contributo PÁG.19

As nossas memórias PÁG.20



A ILHA MISTERIOSA

"E por onde vamos começar? perguntou Pencroff.
— Pelo princípio, respondeu Cyrus Smith."

Jules Verne, *A Ilha Misteriosa*

Da Ilha Misteriosa, resta todo o encanto e o mistério. Que fascínio é o seu? Por vezes, no perfil agudo e escarpado da ilha, negro de fortaleza, gravado finamente a preto, sombrio, ilumina-se a fogo aceso essa manhã, no mais completo abandono material, roupas encharcadas, restos de temporal, pela lente improvisada com dois vidros redondos de relógio, unidos e cheios de água, luz do sol concentrada sobre o musgo seco.

Lição da experiência prática das coisas, como se aporta a ela e onde, desse mar desfeito mal entrevisto e onde quase naufragámos, vindos de Richmond ocupada pelas forças escravagistas, parámos enfim e vamos construir o mundo? Medimos, acima do horizonte, a altura do Cruzeiro do Sul. E comparámos o meio-dia do Sol, que achámos marcando com pausitos no chão o caminho da sombra, e onde se torna mais curta, com o do relógio, último resto de produção social nestas paragens: além de nós mesmos, bem entendido — que sem nada, sem relógio mesmo, teríamos ainda sabido achar onde, nesta Terra, viemos dar.

Misteriosa ainda, a Ilha, porque aí desvendámos os mistérios nossos, construindo e fazendo. O ferro: "O chão não contém geralmente os metais no estado puro. Na maioria encontram-se combinados com oxigénio ou enxofre (...) Era o óxido de ferro que era preciso reduzir pelo carvão, quer dizer, desembaraçar de oxigénio. Esta redução faz-se submetendo

o mineral em presença do carvão a uma temperatura alta (...) Recolheram-se o mineral e a hulha. Partiu-se o mineral em pedaços pequenos que se desembaraçaram à mão das impurezas que tinham à superfície. Foram depois dispostos em monte e em camadas sucessivas. Desta maneira, por influência do ar projectado pelos foles, o carvão devia transformar-se (...) em óxido de carbono, encarregado de retirar o oxigénio ao óxido de ferro. (...) Era o processo empregado, sem dúvida, por Tubal-Cain e pelos primeiros metalurgistas do mundo habitado".

Contava agora falar-vos do que vos não fascina nestas coisas afinal tão pouco nossas em que mexemos, concreto a que, quantas vezes, nos ligamos mais pelo fio ténue e estéril das palavras, pela superfície da utilização convencional, que pelo fazer reinventado, aquisição não só das coisas mas da sociedade que as faz e delas vive, constrói, e se alimenta. Nenhuma esperança existe fora da invenção do concreto; mas o não poder fazê-lo conduziu-nos apenas à interiorização da incapacidade pelo embotamento da curiosidade e da força transformadora, pela construção imaginária do mesmo real que nos sufoca, espécie de miséria transposta feericamente, onde nos satisfazemos.

Não são nossas as coisas. Inventá-las nossas, e fazê-las da cor e da forma dessa invenção, era fazê-las nossas. Não basta desejar

a transformação do real social sem que nele, e em nós, se saiba que desejo das coisas aí queremos ter concretizado.

Houve revoluções. Que coisas e maneiras de fazer foram as suas? Também no conservadorismo das formas e das técnicas de transformação da matéria a que se moldaram, certamente porque não pode ser de outro modo, e porque o concreto socializado é insidiosamente resistente, se leu a morte delas, que foi, porventura, numa época, a das grandes esperanças.

Diz-se: dar corpo ao desejo. Julgo que nunca uma expressão corrente exprimiu tão bem o lugar da matéria, corpo nosso, nós mesmos, coisas a desejar e a fazer.

"Meus amigos, isto é mineral de ferro, isto pirite, argila, aquilo cal, ali carvão. Eis o que nos dá a natureza, a sua parte no trabalho comum! — para amanhã a nossa!" — Na verdade, nós hoje sabemos isso tudo, e não vale a pena insistir. Nesse antigo entusiasmo, a nossa sabedoria convencida e céptica vê a ingenuidade da crença no progresso técnico, a força ascendente da burguesia no século passado, o entusiasmo das Exposições Universais como sinais percussores da guerra e transposição inconsciente da expansão, mais comezinha e mais sórdida, dos mercados mundiais. Mas por qual força, por qual desejo, substituímos essa vontade de fazer o nosso mundo?

Misteriosa, a Ilha.

Carnaval



ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E PRAZER

No carnaval enfarinhei-me. Era um tempo de ficarmos esbranquiçados, de nos lançarmos aos corpos uns dos outros.

No carnaval joguei ao prazer de te poder tocar sem me poderes reconhecer. Era outra a máscara que eu trazia, era outro o estatuto que eu assumia neste espaço onde é possível a transgressão.

Ai quem me dera voltar à minha infância.

Agora já não faço carnaval. Envelheci, a máscara já não me cai tão facilmente. Parece tão colada a mim que já outra não consigo produzir.

Mas tenho ganas de voltar a fazer o carnaval. Onde possa ser espaço e ser festa, ser rua e estar nua, poder lançar-me no teu corpo outra vez e sentir o prazer de nos lançarmos aos corpos uns dos outros.

Hei-de voltar a fazer a festa e a ter a coragem de a assumir de corpo inteiro.

C.F.



CARNAVAL

— PROJECTO DE UM GRUPO DE MULHERES

Pierre Collinet — bairro dormitório, nascido nos anos trinta é actualmente uma zona degradada. Situa-se ao lado de uma antiga cidade — Meaux, a 40 km de Paris — que já não comportava a mão-de-obra necessária para a indústria regional.

O projecto de Pierre Collinet foi da responsabilidade de um discípulo de Corbusier e defendia que as construções deveriam ser verticais (grandes blocos) para libertar espaços destinados a zonas verdes.

As construções não beneficiaram de bom acabamento. Para serem menos morosas, o material empregue foi do mais barato; as casas não têm varandas, os prédios são enormes mesmo em espaço horizontal e os corredores que percorrem todo o edifício transmitem uma sensação de afastamento e frieza.

Os primeiros moradores foram "quadros" mas nunca conseguiram criar uma ambiência de vizinhança. Por outro lado, as construções degradaram-se rapidamente dada a sua má qualidade.

Começando entretanto a construir-se outro bairro de melhor qualidade e mais humanizado, do outro lado do canal (fronteira), os moradores de Pierre Collinet foram progressivamente abandonando as casas que nunca lhes foram simpáticas, e mudaram-se para o outro lado do canal, que cada vez funcionou mais como fronteira. Além disso as casas devolutas foram sendo atribuídas prioritariamente a imigrantes com muitos filhos.

Com a deterioração já encontrada, desenraizados, com muitos filhos, com problemas económicos e sociais, o resto da degradação foi galopante.

...E UM CARNAVAL A TENTAR SALVÁ-LO

O grupo de mulheres cria-se duma maneira informal e é uma



tentativa de comunicação entre as mulheres residentes em Pierre Collinet, que não sendo empregadas sofriam mais fortemente os efeitos do seu isolamento, nomeadamente pela diferença de proveniências, diferença de culturas e diferença de línguas.

Sentindo que uma das maiores dificuldades era o contacto com os moradores, tanto da zona antiga da cidade, como do outro bairro posteriormente edificado, não degradado e com melhor nível económico, pensaram organizar o "Carnaval de Meaux", e implicar nele todos os residentes dos vários bairros e que entre si não tinham contactos.

Conseguiram o apoio da Câmara Municipal (já preocupada com o problema social de Pierre Collinet) e com esse apoio dinamizaram as forças vivas locais.

A colaboração dos professores

foi preciosa, e as crianças realizaram várias tarefas e participam activamente no cortejo. Os particulares colaboram também a todos os níveis fazendo os mais variados trabalhos (carpintaria, decoração, empréstimo ou cedência de tudo o necessário, etc.).

Nalgumas fábricas foram recolhidos materiais a utilizar nos preparativos do cortejo.

O lar de terceira idade também colabora nomeadamente na feitura dos confettis para a festa.

O símbolo do Carnaval de Meaux é uma grande boneca, que representa o bairro, e que se chama "Pierre Collinet".

A participação e receptividade à iniciativa do Carnaval de Meaux foi logo grande, aumentou e congrega cerca de 25 mil pessoas. É conhecido a nível nacional e tem desempenhado um importante papel pedagógico, consciencializando para o problema de Pierre Collinet e



para as consequências do tipo de construção defendida no princípio do século, cujos resultados estão hoje à vista: isolamento, traumas nervosos, degradação das habitações, más condições de vida, delinquência, desinteresse pela conservação dos espaços sociais, etc.

O impacto desta iniciativa foi tal, que presentemente há uma grande consciência do problema de Pierre Collinet. De tal modo que está feito um projecto de reabilitação do bairro, pois o estado degradado em que se encontra contribui fortemente para a não aceitação dos seus moradores como pessoas agradáveis de contactar (as condutas de lixo, os elevadores, as portas, os corredores, os jardins, tudo está deteriorado).

Os efeitos pedagógicos desta iniciativa informal são muito mais sensíveis que o trabalho das assistentes sociais, do Clube de Prevenção, da Casa da Juventude e outras iniciativas formais, cujos resultados não se têm feito sentir.

A organização da FESTA DE CARNAVAL permitiu a este Grupo de Mulheres valorizar-se e projectar-se numa acção de grande impacto social.

Querem saber mais coisas de Pierre Collinet?
Escrever para:

Groupe de Femmes
ATC HVS bat. 106
La Pierre Collinet
77100 Meaux
FRANÇA



OUTRAS ACTIVIDADES DO GRUPO DE MULHERES DE PIERRE COLLINET

"ateliers para permitir uma revalorização, uma comunicação de saberes de cada uma para melhor controlar e utilizar o seu ambiente, os seus corpos, as suas 'habilidades artísticas', a sua língua".

- ateliers de animação para crianças dos 4 aos 12 anos
de salientar: através destes ateliers tenta-se abordar os problemas da relação mãe-criança.
- ateliers de artesanato (bonecos de pano, sacos de utilidade doméstica e outras coisas que depois se vendem).
- atelier de tapetes.
- atelier de canalização, carpintaria, electricidade — para resolverem os pequenos problemas do quotidiano.
- Idas à piscina
de salientar: a piscina é um ponto de partida para uma reflexão sobre os problemas da higiene, da saúde e das dificuldades em assumir o próprio corpo.
- atelier de alfabetização.
- actividades de inserção na sociedade francesa acompanhadas de aprendizagem de francês para as recém-chegadas (idas ao mercado, etc.).
- uma sessão de trabalho semanal conjunto para discussão das actividades a empreender e respectiva planificação.
- uma vez por mês essa sessão é seguida duma refeição em comum feita rotativamente pelas participantes das várias nacionalidades (uma refeição portuguesa, argelina, marroquina ou francesa...).
- para fazer as pessoas sair de casa e conviver organizam actividades ao ar livre nos espaços verdes entre os prédios: sessões de cinema, piqueniques, etc.
- um quarto está disponível que possibilita o acolhimento de mulheres vítimas de dificuldades conjugais.



O CARNAVAL É UMA FESTA POPULAR!

Pôr a festa em acção, torná-la parte integrante da comunidade onde existe, é, parece-nos, função principal dum trabalho de animação localizado. E quando a festa já está interiorizada nessa comunidade, então essa função é duplamente necessária.

Jogar ao carnaval pode ser um ponto de partida. Mas jogar ao carnaval é partir dos seus pressupostos básicos — espaço permissivo, onde as pessoas se assumem outras, se libertam, se mascaram — para chegar a um projecto global de animação.

E não há nada como aproveitar esta benesse permissiva para avançar com uma série de práticas criativas que ocupem o espaço, que façam a festa em permanência.

Primeiro é preciso saber: 1 — que local habitamos, que espaços podemos ocupar — as ruas, os jardins, os largos, as praças, os espaços comunitários por excelência; 2 — quais os trajectos quotidianos das pessoas para ir ao emprego, às compras, às escolas, ao café, à missa, etc.; 3 — que imagens, memórias e práticas comunitárias existem relacionadas com o carnaval; 4 — quais os desejos mais íntimos das pessoas quanto ao carnaval.

Situados na realidade física e social, possuindo um apanhado dos instrumentos passíveis de utilização, poderemos planificar o nosso trabalho. Trabalho ou acção que deverá ter como pressuposto de base o transformar cada um dos participantes — que deverão ser todos os habitantes locais — em criadores da sua própria festa. Este pressuposto conduz-nos imediatamente à necessidade de criar actividades que, tendo uma componente criativa prática, possibilitem a aquisição de instrumentos para que cada um possa conceber praticamente aquilo que idealizou, ligando intimamente a concepção à execução, o trabalho manual ao intelectual.



Carlos Fragateiro

UTILIZAR A MÚSICA

Mas como vamos ocupar o espaço comunitário de forma a provocar as pessoas para a festa? E porque não meter várias fanfarras na rua. E porque não utilizar as bandas e os conjuntos musicais locais para que o espaço comunitário seja um espaço de música. E a música é a melhor forma de quebrar as possíveis resistências à festa.

"Tocar a fanfarra na rua, por nossa própria conta, era ocupá-la fisicamente, retomá-la; entrar o curso das coisas, romper a monotonia, transformar um lugar de circulação em lugar de encontro..."

"Era chamar as pessoas a si, dizer às pessoas que passam no mercado o que poderia ser este mercado se as pessoas se pudessem exprimir, falar sobre a morte das ruas, dos cafés, de todos os lugares públicos de hoje..."

"A fanfarra era expressiva porque possessiva, perturbadora, incómoda; a fanfarra bloqueia a circulação e impõe-se apesar do

barulho dos carros (o que não acontece com outros músicos de rua); obriga a polícia a intervir em força, o sinaleiro já não é suficiente; ela criou um ajuntamento que por si próprio se torna um espectáculo para os marginais... Subitamente a rua torna-se habitada, as conversas mudam, os que se cruzam agora interpelam-se; ela age como *revelador*, suscitando o entusiasmo da parte de uns (sobretudo dos velhos), e a raiva babada e histérica da parte de outros.

"Dir-se-ia que uma rua tranquila começa a viver no superlativo."

"Era para nós uma afirmação muito forte do nosso desejo de reapropriação do espaço interdito da rua..."

Isto, como nos conta este depoimento de Laurent Berman e Anne Quesemand, publicado no número da revista *Autrement* dedicado à festa, pode ser um primeiro passo para quebrar a rotina, para agarrar as pessoas para uma participação na festa, para provocar uma primeira comunicação.



AS MÁSCARAS E OS FATOS

Mas isto é um primeiro passo. A primeira abordagem da festa às pessoas.

Há que criar espaços para que as pessoas se possam assumir **outras**, se possam **mascarar**. Os ateliers de construção de máscaras, cabeçudos, fatos de papel de jornal, de cartão, de caixotes, de instrumentos musicais, aproveitando todo o material de desperdício existente, devem invadir a comunidade, devem-se colocar à disposição dos seus habitantes.

Quem quiser fazer uma máscara, um fato, mascarar-se, tem o material à disposição e animadores que lhes possibilitem os instrumentos para a sua execução. A cor deve invadir o espaço de forma a torná-lo atractivo e protector.

Será de um desses ateliers que deverá sair a propaganda à festa e que será colocada de forma a estar em todos os trajectos possíveis de que já tínhamos falado atrás.

AS TRADIÇÕES

Quantas memórias se esfumam, quantas imagens se esquecem, quantas práticas se perdem no decorrer dos tempos.

O carnaval deve ser um tempo de reviver as memórias, reavivar as

imagens, de reinventar os trajectos. O carnaval, espaço de festa e transgressão, pode ser um **aval** para se recriarem as cegadas como espaço inteiro da comunidade em carnaval.

Vamos propor que se formem grupos, criem as cegadas, utilizem os ateliers para fazer os fatos e os cenários.

Depois do desfile das cegadas pelas ruas, pelos jardins, cada grupo escolherá um local de representação... e depois... bem, depois vão trocando de espaços e acabarão na grande festa final — o grande baile popular com as cegadas pelo meio e as pessoas a falarem do que a seguir se poderia fazer. Para que a festa possa ser assumida para além do carnaval.

A IMAGINAÇÃO AO PODER

Sistematizámos até aqui algumas práticas possíveis. Muitas mais poderão surgir na cabeça de cada um de nós. Para que a imaginação suba ao poder.

A história da comunidade que possa ir sendo encontrada nas arcas perdidas que se vão descobrindo, como um puzzle para montar. Quem o descobrir e construir pode ganhar o reinado do "Carnaval Popular".

E vivó carnaval. Porque o carnaval é uma festa popular.



O ENTRUDO

Os divertimentos do Entrudo, hoje bastante atenuados, assemelhavam-se nas duas cidades àqueles que nos descreve Frei João dos Santos, ao falar do Ramedão na ilha de Quirimba:

"...fazem os mouros muito maiores desatinos que os christãos, porque todos se embebedam, e andam despidos, pelas ruas, pintados com almagra e gesso, pelo corpo e rosto, e cada um faz de si os maiores momos que pode.

Outros com tambores e buzinas andam atroando todas as povoações em que mora, que parecem, andando assim, ministros do diabo"(1).

Estamos a ver aqui a pintura dos desatinos da população de Lisboa, do Porto, e das outras terras do País, onde havia ofensas aos bons costumes, "pulhas", arremessos de projecteis, ferimentos e até mortes.

Ainda no meado do século XIX se arremessavam ovos, e certas janelas fechadas à cautela não ficavam com um vidro direito.



TRAVESTI MUDAR O QUÊ PARA QUÊ?...

Prometemos no último número, estar de olhos abertos. E dissemos que isso era estar sensível às pequenas grandes mudanças. As atitudes, aos comportamentos das pessoas. Ao seu quotidiano. O que se deseja, o que se teme. No fundo estar atento ao que mexe. A cultura. Que se vai fazendo conforme se come, se vive, se ama, se desespera...

Nesta cidade, também. A cultura urbana. Com os seus santuários, com as suas catedrais. Mas também a Alfama, a Mouraria, o Bairro Alto, espaço/cultura viva numa cidade que fala de si.

Hoje renovamos estes propósitos. E damos-vos uma leitura. Que assunto, que de acto marginal, tem vindo a conquistar foro de cidadania. A conquistar o espaço nobre da cidade.

A conversa com Lydia Barloff, aliás José Manuel Rosado, foi o pretexto. Eram 4 horas numa noite sem fim, quando iniciámos uma conversa num pequeno canto do "Finalmente Clube". Saímos já o dia tinha nascido. A noite vista do dia é sempre irreal. O que ficou e o que se adivinha, aqui fica. A verdade da noite é sempre no dia, um sonho. O sonho de ter/ser aquilo que se não tem/é. Lydia Barloff, a mudança feita na noite, ou o talento de sonhar(mos) ser(mos) outro(s).

Travestir-se, mudar-se, para quê? Com que objectivos, porquê? E porquê a aceitação progressiva desta forma de expressão/espectáculo/acto, que tem vindo pouco a pouco a conquistar estatuto de cidadania... O que é que está a mudar na urbe... Travesti, o espectáculo da noite, da transgressão, vem à luz do dia, é citado, é anunciado, é criticado, é público... Já não só para os que o fazem, mas para todos. O que é que está a mudar para que, de espectáculo marginal, passe a ser reconhecido como de qualidade? O que é que vem mudando, o que é que permite que o espectáculo da noite seja assumido no dia? Travestir-se/mudar o quê e para quê? Senhores e Senhoras... Lydia Barloff...! Aliás José Manuel Rosado...

"Eu sirvo-me do travesti para me expor, para expor os meus pontos de vista. Este foi um caminho para o querer criticar a sociedade. Uma sociedade frívola. Frivolidade em termos de moda, de exuberância, do ridículo, do efeito caricato que é muito mais acentuado na mulher. O porquê do travesti, tem talvez um pouco a ver com o ir à procura de ridicularizar determinadas situações. E eu penso que deitando uma olhada ao longo da história, se verifica que a mulher tem normalmente sido posta numa situação mais decorativa — a

mulher frívola, que se pinta, se penteia e se veste mais exuberantemente. Se há que criticar e apontar a frivolidade, o exagero das modas, é a mulher que até agora tem assumido essa frivolidade, talvez por ter sido empurrada para essa posição".

E é esta crítica à mulher, o eixo e a base de todo o espectáculo, o que o justifica e lhe dá sentido. O que pressupõe uma grande dedicação e uma atitude de valorização da mulher.

"A mulher que ridicularizo não é toda a mulher e nem sequer é a mulher, mas a mulher que entra no jogo".

O que faz adivinhar que ao fazer-se travesti se tem subjacente um perfil, ou melhor um modelo de mulher. Que se ama. Não se critica assim o que se não ama.

Modelo/mito/ideal de mulher e por isso inacessível. Elegia à mulher, feita no tempo do feminino, na noite, tempo de desejo e de sonho.

REENCONTRAR O SENTIDO DO FEMININO

"O homem caça e luta. A mulher intriga e sonha; é a mãe da fantasia, dos deuses.

Possui a segunda visão, as asas que lhe permitem voar até ao infinito do desejo e da imaginação...

Os deuses são como os homens: nascem e morrem sobre o peito de uma mulher".

Jules Michelet

"O travesti perde a sua comunicabilidade fora da noite. Para já porque o seu público é uma certa camada da pequena burguesia urbana. Não se pode fazer isso em Trás-os-Montes, é claro. Se fores lá com o 'Huis Clos' do Sartre, também não dá. E não é bem só o ambiente nocturno, é mais o ambiente 'underground', o fruto proibido, a missa negra, é um pouco a transgressão, uma certa margem..."



Mário Ribeiro

Travesti acto/espectáculo da noite. À luz da lua. Astro da feminilidade e da mudança. Que cresce, mingua e desaparece. Símbolo do feminino face ao poder do sol sempre igual e estático. Noite que é



TEXTO DE LUÍS MARTINS
A PARTIR DE UMA ENTREVISTA
DE ISABEL PATO, JOÃO PIÇARRA, LUÍS MARTINS

leito de uma outra linguagem, a do sonho, do prazer, da permissividade, da transgressão, da ternura e da sensibilidade. Características de que é depositária privilegiada a mulher. Face ao poder do homem, do sol, do dia, da violência e da agressividade. É por isso que a feminização da sociedade, no sentido de tornar dominantes as qualidades femininas, é uma luta pela humanização da sociedade e do género humano. O que significa reintroduzir no quotidiano individual e social a linguagem do simbólico e da imaginação, dar-lhe foro de cidadania, menosprezada e afastada que foi pelo pensamento cartesiano, racionalista, pretensamente objectivo e uno. Como dizia Gilbert Durand "neste século de 'luzes' é usurpado a demasiados homens, o seu imprescritível direito ao luxo nocturno da fantasia".

Lua, astro de feminilidade e também do bizarro, do malefício, dos bruxedos. Tempo da mulher e do seu temível poder. As bruxarias e as bruxas... Que também estão no espectáculo "A Dança das Bruxas" de Lydia Barloff...

A CADA UM A SUA FESTA

"A festa é um quadro social onde o indivíduo pode ter direitos de expressão interditos na vida quotidiana".

in "Aujourd'hui, à chacun sa mini-fête"
J. Dumazedier

A "Dança das Bruxas" é quase uma festa. "Dança" que é partilhada com os espectadores, que vibram, que riem, que intervêm, que exultam, manifestações que chegam a tomar formas emotivas. "Há um ano que o espectáculo se mantém em cena e não houve nenhuma noite que eu não conseguisse trazer uma pessoa da plateia para o palco".

Qual rito iniciático, muitos são portanto os que pisaram o palco ao lado de Lydia Barloff. Mais serão contudo os que, por múltiplas vezes, participam/assistem ao espectáculo. Travesti/acto de transgressão, acto feito/participado por um grupo, que ao fazê-lo se apreende e se afirma por essa ocasião como colectivo.

E dizer "do direito à diferença", de se assumir enquanto "marginal, como o rock que também é um pouco marginal, como a noite", ou ainda "é uma alternativa pela diferença, pela diferença cultural" são, entre outras, afirmações pela positiva que José Manuel Rosado faz. No entanto, quando questionado sobre o público também diz: "Os tipos que vão ver o travesti para especular, ver se são muito parecidos com a mulher e tal, e vão lá porque nunca viram, porque é uma coisa estranha, vão lá como se vai ver o gigante de Moçambique ou a vaca de 6 pernas. E os tipos que vêm cá para isso saem desiludidos. Claro que isto está subjacente, agora o que não me apetece é dar-lhes isso, ou pelo menos dar-lhes isso a 100%. É evidente que se joga um pouco com isso, com o indivíduo dúbio, etc.; se eles vêm cá para ver isso há que dar-lhes 1 ou 2 coisas nessa base, há que lhes adoçar a boca. Mas há que lhes dar depois outras coisas".

Mas há um público que não vai lá por curiosidade, mas que lá vai afirmando a sua identidade. Se a festa, se esta festa não existisse, que significado teria o quotidiano...

E esses lá estão. Com um perfil, contudo, aparentemente pouco definido. A tal "margem" referida, ou melhor, esta margem, aí está aparentemente pouco assumida. Esperança também mítica e por isso também angustiante, de um outro espectáculo/festa que este adivinha. E o ambiente (e a angús-



Mário Ribeiro

tia) aumenta até que... Senhoras e senhores... Lydia Barloff... em "A Dança das Bruxas". O ambiente acalma, todos se ajeitam nos seus lugares. O espectáculo começa.

E preto no branco, as bruxas fazem o resto da mudança desejada que não foi em cada um até ao fim.

Lydia Barloff em carne e osso assumida travesti/mudança que foi até ao fim, pelo menos no curto espaço de tempo em que em cada noite ela existe. Espaço que vale talvez a noite toda, ou a vida toda... Se a festa não acontecesse que significado teria a vida quotidiana?... E aí está a Lydia Barloff com a sua exuberância, com a sua desenvoltura de linguagem, com a sua facilidade de comunicação, no seu ridículo, tudo assumido por inteiro. Tudo claro, inequívoco, como esta noite de dia se tratasse. O espectáculo acabou. Estamos todos e cada um, mais calmos. A verdade da noite que foi Lydia Barloff foi também uma terapia. As bruxas fazem no fim de contas sonhar, ou ter a certeza (elas não estão ali bem reais?) numa mudança possível... Mudança(s) que individual e colectivamente se anseia(m).

Certamente também por isso a "Dança das Bruxas" de Lydia Barloff está em cena há mais de um ano.



EM STRASBOURG SÃO OS PALHAÇOS OS HABITANTES

A iniciativa do carnaval popular em Strasbourg não se explica pela data da sua primeira aparição em 1973, quando o grupo **"Musauer Wakes"** (**"Os vadios de Musau"**) o realiza com 300 pessoas no bairro popular de Krutenau, bairro maltratado pelos planos de renovação e pelos promotores imobiliários. O carnaval popular não saberia explicar-se unicamente pela morte do **"Bim Bam"**, o carnaval oficial da cidade que, cada ano, oferecia o espectáculo do seu desfile àqueles que tinham um lugar no percurso do cortejo.

Se Mulhouse e Colmar conservaram esta prática de um carnaval comercial onde os foliões são pagos para a sua prestação, Strasbourg por sua parte elege **"Bim Bam"** no telheiro dos acessórios municipais sem uso. Desta tradição de um carnaval oficial e comercial com vocação de prestígio e espectáculo, resta apenas uma sociedade carnavalesca (a da Montanha Verde) da qual o comité organiza os serões anuais e edita a insígnia.

O ESPAÇO DESTA VEZ SERÁ A RUA

Quanto ao carnaval popular, é necessário antes de mais situá-lo num movimento de renovação da cultura alsaciana, especialmente na perspectiva da **"frente cultural alsaciana"** que luta contra o colonialismo oficial no que respeita ao património cultural regional.

Assim o carnaval, em vez do sistema comercial que condiciona a festa, é a prática de uma cultura burguesa da cidade de Strasbourg.

O carnaval popular, livre e gratuito, nasce em plena situação cultural Strasburguesa onde, como em muitas outras grandes cidades, a expressão cultural se encontra circunscrita em lugares oficiais: teatro municipal, teatro Nacional de Strasbourg, Ópera de Rhin, Casas da Cultura, Palácios de Música, Cinemas. E não só os gru-



Jorge Barros

pos de teatro sem possibilidades reais, as orquestras sem meios, os grupos de expressão sem instalações, as iniciativas sem futuro, que chegam para quebrar o alinhamento ou o enquadramento da cultura em função das normas ou das regras oficiais.

É por isso que a iniciativa dos **"Musauer Wakes"** reivindica os espaços e os tempos para a expressão popular alsaciana tal como ela existe, pelo menos de maneira latente, nos bairros e nos arrabaldes. O espaço, desta vez, será a rua, propriedade colectiva e terreno de animação quotidiana. O tempo será o período de carnaval, momento privilegiado para uma expressão satírica colectiva da qual a permissividade é prevista pela sociedade.

Nascida de uma realidade sócio-cultural que deixa pouco lugar à expressão popular e **"profissionaliza"** a animação urbana em detrimento da espontaneidade, o carnaval popular, desde o seu terceiro aniversário (1975) tenta explicitar as suas intenções.

Porquê o carnaval? Porque nos aborrecemos nesta cidade e não temos ocasião de nos encontrar-

mos para fazer a festa; porque os bairros periféricos são os parentes das luzes do centro da cidade; porque 5.000 pessoas aproveitam apenas para elas os milhões tragados no T.N.S. e na Ópera do Rhin; porque rir, troçar, caricaturar, esgarar, fazem parte da tradição alsaciana; porque é possível fazer-se o carnaval, ele próprio. E acrescenta o folheto fundador: **"nós não seremos os simples organizadores da cidade de Strasbourg. Cabe a vocês todos organizar-vos, será o vosso carnaval ou então nada."** Portanto não um carnaval qualquer, não aquele dos carros **"Us Babbedeckel"**, do comércio, das medalhas e das chouriças guardadas, não aquele do Ofício do Turismo e dos grandes comerciantes, não aquele do dinheiro. Esta **"plataforma"** dá o tom e constitui o ponto de acordo com todos aqueles que se implicarão na preparação do carnaval, como daqueles que nele participam.

UMA REDE DE INICIATIVAS NOS BAIRROS

Mas não se trata de uma demonstração efémera, de uma espécie de



manifestação cultural reivindicada tendo por objectivo mostrar a sua própria legitimidade existindo nas ruas uma tarde por ano. Durante várias semanas antes do dia previsto, desenvolvem-se em vários bairros iniciativas de preparação (muitas vezes informais), acções de sensibilização ao projecto carnavalesco, implantações de oficinas. Em ligação com o carnaval popular (do centro da cidade!) uma semana antes, uma dezena de bairros e arrabaldes organizam o seu próprio carnaval.

Este período preparatório dá de facto um sentido à iniciativa de um carnaval popular.

A data do carnaval é, de facto, o pretexto para um conjunto de relações que se estabelecem entre os bairros, entre as pessoas. A data do carnaval é a ocasião de pôr em acção uma rede de trocas e de múltiplas iniciativas que se desenvolvem através da implantação "de oficinas provisórias de fabricação de máscaras" onde se discute o projecto de carnaval, assim como as razões que levam à sua realização.

UM "COLECTIVO" QUE NÃO SE IMPÕE

Ponham as máscaras! Prontos? Partir!

"Só ou em grupo, você encontra a maneira de exprimir a existência quotidiana, ou a actualidade, ou o sonho. Você inventa a sua própria maneira de estar no carnaval. Oficinas de fabricação de máscaras, de estruturas rolantes vão abrir-se nos bairros para os ajudar".

A propaganda do Carnaval popular é lapidária. O seu convite a percorrer o campo da iniciativa individual ou colectiva, parece indicar uma falta de organização. A do Carnaval popular é assegurada por um "colectivo". Lugar de coordenação, de repartição das tarefas, de

decisões, o "colectivo" reúne uma vez por semana (num lugar público e dois meses antes do carnaval) um núcleo de "organizadores" voluntários e um conjunto flutuante de pessoas interessadas na organização prática do carnaval.

O "colectivo" é então responsável pela realização concreta do carnaval. Coordena as iniciativas dos bairros, convida artistas e músicos, escolhe e edita o cartaz e os comunicados, discute os problemas técnicos (excepto o financiamento nos limites de um orçamento rudimentar — 1.800F em 1974), propõe a implantação de oficinas de máscaras, negocia com as autoridades municipais as questões de percurso ou de ajuda técnica. O "colectivo" oferece a cada um a ocasião de uma informação regular sobre a preparação da festa, distribui os "bons locais" e solicita decisões de responsabilidades aos diferentes níveis de organização.

Em relação ao projecto político-cultural de um carnaval como este, a estrutura de organização em "colectivo" de preparação parece a que melhor se adapta. Permite associar a falta de artigo de fundo e o anonimato com um sentido real de responsabilidade.

A mesma forma retomada nos bairros permitiu uma colaboração acerca dos objectivos precisos entre associações até aqui mais ou menos rivais.

Apenas as "autoridades" ficam perturbadas por este tipo de estruturas onde a responsabilidade é colectiva (por ex. 50 organizadores assinam o formulário municipal de autorização!) e em que os "organizadores" preferem acompanhar e apoiar, em vez de se anteciparem às iniciativas dos partidários do carnaval.

Ext. do livro *Autrement "LA FETE, CETTE HANTISE..."*

Trad. de Maria de Lourdes S. Rodrigues



JOGO DO GALO

Talvez seja este costume carnavalesco de Domingo Gordo um resto de certos ritos de culto pagão. A imolação do galo em dia de Carnaval é ainda vivo em muitas aldeias da Europa, com mais ou menos variantes. Conheço de Galiza várias aldeias que o conservam. E em Barroso ainda está vivo o costume em *Gralhas*, em *Viade*, na *Vila da Ponte*, em *Meixide* pelo menos. Noutras há a doce recordação da euforia, que tal uso proporcionava a todos em especial, à gente nova. Há variantes neste rito do jogo do galo. Em *Viade* e *Vila da Ponte*, os rapazes compram um galo. Num largo, depois de esconderem na terra todo o galo, excepto a cabeça, vendam os olhos a todos os participantes e à vez, com um pau nas mãos, procuram matar o galo. O que o matar não paga. Em *Gralhas* os rapazes enfeitam com fitas garridas o galo, mais lindo da aldeia. Vestem-se de cores garridas, barretes de papelão, imitando romanos. De antemão, dois jograis com boa voz, e jeito para versejar em quadras, escreveram ou decoraram o testamento do galo.

TESTAMENTO DO GALO OU MOTES

Ao recolher do gado em *Gralhas*, assistimos à leitura ou proclamação do testamento do galo. São críticas mordazes de toda a mocidade solteira e por vezes dos casados. Ali descobrem e julgam todos os actos mais caricatos, ou que mais deram que falar, durante todo o ano passado. Os namoros das moças, as desfeitas que os rapazes lhes fizeram, amores proibidos, casamentos a combinar. Um rapaz de cada lado da rua, debruçados sobre uma janela, para todos verem e ouvirem bem, declaram em voz alta, na frente de numeroso público, a longa enumeração das suas apreciações à vida pública e íntima, amorosa, de cada par.



CARTA ABERTA QUE É FEITO DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO?

Talvez pelo que de implícito aparece nos objectivos da INTERVENÇÃO sempre me habituei a vê-la como um instrumento útil, a servir, parte integrante do movimento associativo.

Hoje, 1 de Janeiro de 82, pergunto-me como pode a revista realizar os seus intentos uma vez que não encontro aquilo a que se possa chamar "movimento associativo". Existirá mesmo, pergunto?

Reflecto. E para ter uma função provocatória prefiro dizer que não, que não existe. Há, em Portugal, muitas associações, umas mais dinâmicas do que outras, umas com práticas mais interessantes outras menos, mas não passando de um somatório, sem constituírem entre si um "movimento". E digo-o porque, de há uns tempos (largos!) para cá, deixei de o sentir. Eu explico:

O QUE FOI...

No período que se seguiu ao vinte-cinco-de-abril as associações populares assumiram um papel social determinante, tornando-se expressão de realizações e vontades de vastas camadas da população, normalmente marginalizadas das esferas do poder. Houve então, de facto, um movimento em que não só as associações mas também grupos informais de tipo associativo (comissões, comités, grupos de), vivendo mais pelas funções que tinham nas mãos (fazer a creche, organizar a festa, limpar a rua) do que pela estrutura que representavam (Associação, Clube, Sociedade) criaram uma dinâmica com um papel efectivo na tomada de decisões (e realizações) sociais.

Esse lugar ocupado a nível da intervenção nas estruturas do poder não lhe advém de circunstâncias político-ideológicas mas da importância real que o movimento associativo desempenha na resolução de problemas não só culturais mas mesmo sociais e económicos.

Lembremos, por exemplo, a Lei 3/79 (eliminação do analfabetismo), em que "o Estado reconhece e apoia as iniciativas



existentes no domínio da alfabetização e educação de base de adultos, designadamente as associações de educação popular, de colectividades de cultura e recreio, de cooperativas de cultura, de organizações populares de base territorial, de organizações sindicais, de comissões de trabalhadores e confessionais" e que determina que do Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos façam parte sete representantes das organizações acima referidas. Não se pode dizer que uma Lei votada por unanimidade em 1979, na Assembleia da República, sofra de pressões político-ideológicas basistas! O que se verificava, na altura, era que o movimento associativo tinha a força que provinha do facto de ter tomado a seu cargo responsabilidades sociais que, na ausência da sua intervenção, teriam permanecido sem resposta.

...E O QUE NÃO É

Que se passa hoje com o movimento associativo?

Continuo a insistir que não existe, que deixou de ter voz junto das estruturas do poder, de ser tomado em consideração a nível da resolução de problemas sociais. Seria fácil dizer que a situação polí-

tica mudou, que a culpa é do Governo, etc., etc., não seria? Não minimizo a importância mas a autonomia de que se caracterizava o movimento associativo (patente em importantes realizações já antes do vinte-cinco-de-abril) definia-se como independente de tais circunstâncias.

E mais, vejamos: como se justifica o facto de se terem abandonado lugares ganhos ou de se ter perdido a capacidade de sequer se fazer aplicar as leis criadas em seu favor?

Ainda pegando no exemplo acima focado: nem uma só voz de protesto se fez ouvir da parte do movimento associativo (e esperava-se mais do que vozes!) contra o facto de alguns lugares do CNAEBA permanecerem inocupados ou indevidamente ocupados por pessoas que nada têm a ver com o associativismo popular! E como se justifica que "o Estado reconheça e apoie" as organizações acima referidas e uma associação para concorrer às atribuições de subsídios para essas actividades — que pode não receber, por exemplo, por "ser de esquerda" — careça da apresentação de provas de existência legal (estatutos, publicação oficial, etc.), do parecer da autarquia, do parecer

da Coordenação Distrital da DGEA, do parecer do Governador Civil?!!!

O que hoje me inquieta não são as atitudes do Governo mas sim a passividade do movimento associativo face a elas!

QUE SE PASSA ENTÃO?

Que se passa com o movimento associativo? Está em baixo, dizem. É evidente, mas não chega. Porquê?

- será que o movimento associativo não "aguentou", não se soube reclinar e passar duma situação de poder político para a de reivindicação ou mesmo de resistência? Que não soube viver sem a protecção do Pai-Estado-Providência que o apoie e estimule, para ter que viver autonomamente, batendo-se, contando apenas com a sua força colectiva?
- será que as associações, tendo perdido uma série de funções sociais por o Estado ou as Autarquias as terem assumido, se reduziram às actividades "pobres" (desporto, festas...) não tendo sabido pegar na resolução dos problemas — gravíssimos — que hoje afectam os meios populares (desemprego, perda do bem-estar...) reivindicando meios concretos para os resolver, tomando-os a seu cargo — como se passa em França, por exemplo (e Giscard d'Estaing não era basista!)?
- será que a democratização política do país levou a que se delegasse nos deputados e nas autarquias o poder, a vontade e a intervenção dos cidadãos, antes mais ou menos instituídos através do movimento associativo?
- será que os animadores com maior reflexão e formação acabaram por assumir responsabilidades profissionais em domínios afins (Estado, autarquias...) para aí canalizando todas as suas energias e capacidades, desin-

vestindo da intervenção junto do movimento associativo ou identificando-a com as suas funções instituídas?

- será que os quadros dirigentes do movimento associativo têm, dados os condicionalismos do país, em média, uma cultura muito fechada ao seu meio, o que, agravado pela ausência de intervenção dos intelectuais progressistas junto do movimento associativo, lhes dificulta o assumir de funções de desenvolvimento sócio-económico (criação de pequenas empresas e de postos de trabalho, pluriactividade, meios de saúde, etc.)?
- será que a concepção de Estado-Providência nos leva a esperar dele as saídas para todos os problemas difíceis, tornando-o fonte de esperanças de todo o bem e culpa de todo o mal, desresponsabilizando-nos da intervenção directa na resolução dos problemas sociais?
- ou será que se começam a desenvolver nas associações e nas regiões novas práticas de associativismo de que nós, a pensar na grande capital e viciados em esquemas feitos, não nos apercebemos devidamente?
- ou será que...

ABRIR O DEBATE

Por mim não sei e é difícil ter certezas no que quer que seja. Os estudiosos dos movimentos sociais (sociólogos, psicólogos...) pouco se têm debruçado no conhecimento da situação actual do associativismo e a voz das associações pouco se faz ouvir.

E aqui aparece, em meu entender, ainda que mal delineado, o lugar da revista INTERVENÇÃO.

Talvez, num primeiro tempo, colocar, debater, estes e outros problemas. Eu comecei. Gostaria agora que dissessem (e não apenas com ar de maledicências aos amigos mais próximos!) aquilo com que concordam, em que perspectiva acham que se coloca tal problema, em que outra direcção seria necessário avançar, que coisas se poderiam fazer, ou então, mais concretamente, contar histórias, perguntar às outras associações como resolveram um certo problema, que ajuda poderiam arranjar se fizessem uma acção assim, assim...

É isso, é, esta revista é mesmo nossa.

E se fizéssemos dela

**uma mesa-redonda
num campo de feira?**

1.1.82



Mariano Piçarra

BAIRRO DA SÉ/PORTO

Da ponte D. Luís à Batalha. Da Banharia aos Mercadores. Do Mercado aos bares. Vendedeiras e prostitutas. Turistas e passeantes. Uma ponte e um bispo. E muitas "ideias feitas" sobre o velho bairro da Sé. Afinal um bairro no centro da cidade. Os habitantes? Ninguém sabe ao certo quantos são...

A mais degradada das freguesias do Porto — abandonada?

Nas velhas casas das ruas estreitas que se aproximam de frente nas varandas e quase se tocam nos telhados, vivem famílias numerosas em espaços exíguos, fazendo quarto de dormir ora um vão de escada, ora alguma gaveta mais espaçosa de uma velha cómoda que segura a parede enviezada, de ameaçar ruína. As ruas sujas, aqui e além amontoadas de lixeiras, iluminadas e sonorizadas pelas casas de flippers, vêem crescer as crianças brincando no lixo, presenciando a disputa e os convites (em plena rua) à prostituição.

Neste meio de degradação — física, social e cultural — está presente o medo e a ameaça. O medo da actuação policial (repressiva), de

cujas limpezas pelo menos se duvida. A ameaça permanente da ruína, da derrocada, de uma parede que é "engolidas" sem deixar outro vestígio que o pânico, de um telhado que lenta mas continuamente se vai aproximando dos barroteiros em que outrora assentou um soalho. A ameaça terrível de um incêndio...

Quem conhecer o bairro da Sé, saberá que, ao contrário de umas tantas "ideias feitas", não se trata de um bairro de marginais e prostitutas. Dia a dia convivemos com uma população muito solidária, plena de uma grande humanidade.

Um bairro, ruas, casas e povo — abandonados pela Cidade!

PARA GANHAR A CIDADE

Há cerca de três anos, um grupo de moradores do bairro decidiu ser voz das suas carências. Alertar a Cidade — opinião pública e instituições — para o bairro abandonado. Humanizar tanto quanto possível a vida na Sé.

O Grupo de Apoio ao Bairro da Sé (GABS) cedo ganhou o apoio e entusiasmo das colectividades do bairro, o empenhamento da Junta de Freguesia, a unanimidade e o consenso de todas as forças políticas com representação na Assembleia da República. Partindo com propostas realistas, quer para os problemas de possível resolução mais imediata (recolha dos lixos, segurança da zona), quer para objectivos mais vastos e a maior prazo (recuperação de espaços perdidos, restauração do bairro).

Trata-se de conquistar a cidade (técnicos, forças políticas, instituições), para que esta ganhe (ainda) o bairro. Porque só assim se poderão evitar os desastres iminentes.

O GABS tem efectivamente conseguido ser a voz do bairro da Sé, elaborando projectos de trabalho para a zona, que visam a sua transformação social e cultural. É o caso do Projecto de recolha dos lixos, considerado pelos técnicos da Câmara Municipal como o único adequado e capaz de sucesso na zona. Trata-se de um projecto centrado na educação e colaboração activa dos moradores do bairro, porque só assim se ultrapassarão os vícios, o desleixo, que o abandono foi instituindo ao longo dos anos. Enfim, um processo participado (como todo o projecto de intervenção na zona), escolhido e consentido por todos quanto habitam o velho burgo. Um projecto proposto pelo bairro à cidade — em vez das multas e da burocracia impostas pela velha instituição camarária.

Um projecto que já levou ao bairro da Sé os deputados, os vereadores, o governador civil, representantes do Governo... Ape-

CARTA À CIDADE

De simples moradores da Freguesia da Sé, que éramos, resignados e habitados ao Horrível, quase insensibilizados para as realidades gritantes ao pé da nossa porta, somos agora uma população consciente dos seus próprios problemas, dos direitos que nos assistem, e dos lugares onde de uma forma autorizada e reconhecida, constitucional, podemos ser a voz dos que não têm voz.

A Assembleia de Freguesia da Sé acolheu a nossa reclamação, levou-nos a sério e aceitou com a maior unanimidade assumir o nosso projecto para a Zona mais degradada desta freguesia. Além das Organizações Populares de Base, e das famílias políticas aqui representadas e com assento na Assembleia da República, temos agora o apoio e o interesse deste Poder Local, que é Assembleia de Freguesia da Sé e do seu Executivo.

Sensibilizada e consciencializada a Freguesia da Sé para a grave situação do Velho Burgo da Sé, pensamos que é hora de apelar para toda a Cidade, para a população, para a solidariedade das outras freguesias, e para a sua Administração Camarária.

Não temos na nossa mão, ao nível da Freguesia da Sé, todos os meios, nem sequer os mais elementares, para a resolução das gravíssimas carências do Bairro da Sé. Pensamos, por isso, que é a forma mais constitucional, a mais legal e a mais correcta, apelar para o escalão administrativo que lhe está imediatamente acima em responsabilidade, em poderes e meios.

Procedendo assim, temos a certeza que não abrimos um precedente insólito ou estranho à Democracia Portuguesa. Pelo contrário estamos conscientes que assim entramos no

espírito da Lei sem sermos contrários a qualquer alínea da Letra. E, ao apelar para toda a Cidade do Porto, pensamos que é a Solidariedade que faz uma CIDADE. O Bairro da Sé e os seus problemas são visíveis à vista desarmada, e sabemos que não exageramos se dissermos que são a expressão do Horrível. Tendo no seu coração um bairro como este, a Cidade não pode nem tem o direito de dormir sossegada. Já não interessa quem apresentou este Projecto. O que interessa é que ele, neste momento, é a expressão dum grande querer comum e de uma inquietação irreprímível.

OS ASSINANTES

- 1 — Grupo de Apoio ao Bairro da Sé
- 2 — Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Sé
- 3 — Partido Socialista da Sé
- 4 — Aliança Democrática da Sé
- 5 — Aliança Povo-Unido da Sé
- 6 — Associação de Moradores da Sé
- 7 — Associação de Moradores da Zona das Fontainhas
- 8 — Associação Popular de Independentes da Sé
- 9 — Centro Social de Santana
- 10 — O Párago da Sé
- 11 — União Desportiva da Sé

Teimar em ganhar a cidade para que a cidade ganhe o velho bairro

sar das "boas palavras", da miséria a nu, das situações "chocantes" que muitos experimentaram junto dos moradores do bairro, as primeiras chuvas vieram provar que o seu Aviso, o Apelo, continuaria sem resposta por parte da Câmara Municipal do Porto e do Governo. E, apesar de muitos meses antes ter sido angustiadamente manifestada a chamada de atenção para a efectiva situação de Emergência, apesar do apoio dos órgãos de informação da cidade, com o temporal do fim de ano eram já mais de 250 os moradores sem tecto...

ALFABETIZAÇÃO — UM PROJECTO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Em colaboração com o GABS e com a Junta de Freguesia da Sé, o grupo de Alfabetização do CEEC — Associação de Educação Popular, tem vindo a desenvolver um trabalho de alfabetização — educação de adultos, desde Setembro de 1979. Considerando como objectivo essencial, permitir, através dum melhor domínio das técnicas de leitura e escrita, uma maior compreensão da realidade circundante e a sua posterior transformação, num processo de desenvolvimento da capacidade criativa dos alfabetizando — tem-se procurado articular, tanto quanto possível, as técnicas de aprendizagem (expressão/comunicação — oral, escrita, pela imagem ou mimica), com os diferentes momentos de concretização do Projecto Sé (campanha do lixo, levantamento demográfico, etc.).

Um outro objectivo do grupo de Alfabetização era conseguir a formação de animadores locais, o que viria a concretizar-se no segundo ano de trabalho. Três dos dez alfabetizando que haviam concluído a 4ª classe e um outro morador da zona, passaram então a participar nas tarefas de levantamento da zona, preparação e animação de sessões (fase de iniciação e 4ª classe), ao mesmo tempo que vão consolidando os conhecimentos por eles adquiridos no ano anterior e a sua formação na qualidade de animadores locais. É de salientar

que a participação activa destes quatro animadores locais veio enriquecer todo o processo, constituindo uma forma exemplar do que se pretende ser um trabalho de pós-alfabetização.

O ano lectivo 81/82, iniciou-se com trinta e dois alfabetizando, distribuídos por dois níveis de aprendizagem (iniciação e 4ª classe). No entanto, o levantamento demográfico do bairro, levado a cabo pelo GABS e quase concluído, fornece-nos elementos

preciosos de trabalho: mais de duzentos e cinquenta casos de analfabetismo, distribuídos pelas diversas classes etárias (com predominância entre os 13 e 16 anos e os 55 e 65 anos), detectados só na parte mais degradada do bairro. Elementos de trabalho que deveriam ser tomados em conta para a concretização do Plano Nacional de Alfabetização e Educação Básica de Adultos (... que é feito dele?).

José Roseira



J. Paiva

UM PROJECTO

PROPOMOS

1º — Fazer o **Levantamento Demográfico do Bairro da Sé**, contando para isso com a resolução da **Questão do Lixo**, ou em ordem a resolvê-lo, e as energias, adesões, entusiasmos e interesses que vai despertar. A **Questão do Lixo**, sendo importante, mas sem ser a questão mais importante, embora seja a mais visível, vai ser o "pontapé de saída" do nosso Projecto.

2º — Organizar em todos os núcleos da população da Sé, **NÚCLEOS DE CONSCIENCIALIZAÇÃO E ACÇÃO**, onde houver associações ou grupos sociais e culturais será com eles e a partir deles que se formarão os Núcleos, onde não houver se formarão Núcleos "ad-hoc".

3º — Fazer o **Levantamento Geográfico dos Espaços que o Bairro da Sé** oferece para a concretização do seu Equipamento Social, ainda que em muitos casos provisório e de recurso.

4º — Feitos os Levantamentos Demográfico e Geográfico, **estabelecer uma ordem de prioridades em necessidades e possibilidades**.

5º — Privilegiar na ordem de prioridades as questões da **Infância e da 3ª Idade**, dado que são à vista desarmada os membros mais carentes da população do Bairro da Sé. O Equipamento terá que passar por aí, ao nível de Jardins de Infância, ao nível escolar, e ao nível dos centros de convivência e de acolhimento à Terceira Idade.

6º — Considerar que os **Jovens** terão uma parte muito importante na realização e nos frutos deste Projecto, e que conseguir-lhes espaço e oportunidades é meio caminho andado para a

sua auto-educação. Os casos marginais serão "tratados" com o cuidado, competência e o respeito que nos merecem as maiores vítimas da situação actual, tanto ao nível da sua regeneração, da sua reinserção social, e da procura dum trabalho honesto.

7º — **Localizar a Prostituição** não para a denunciar, para a reprimir (o que se for o caso, a outros competirá que não a nós), mas para a "estudar" nas suas causas, e nas suas causas a remediar, no maior respeito pelas pessoas e pela sua liberdade, procedendo neste capítulo sem qualquer hipocrisia...

8º — **Estudar o equipamento sanitário** mais urgente, para uma assistência à Saúde da população do Bairro.

9º — Dar ao Bairro da Sé uma **Assistência Social**, conseguindo da Administração a presença e o serviço a tempo inteiro de uma Equipa de Assistentes Sociais.

10º — Conseguir um sistema de **Segurança e de Prevenção contra incêndios** e de socorro imediato face a qualquer sinistro ou sinistrados.

11º — Conseguir da Câmara Municipal a prioridade a conceder a este Bairro no caso de necessidade de reinstalação de desalojados por incêndio ou desabamento de casas.

12º — Conseguir da PSP uma vigilância dia e noite para o Bairro da Sé, não para reprimir, mas para defesa e segurança dos habitantes deste Bairro.

13º — Conseguir que a Câmara Municipal do Porto, considerando o "estado de emergência" do Bairro da Sé, constitua uma Equipa Técnica que assumia este nosso Projecto ou outro melhor, e que prepare a **Restauração do Bairro da Sé**.

COLUNA a COLUNA

E PORQUE NÃO... LIGAR O CARNAVAL E A ALFABETIZAÇÃO?



Há momentos em que nos apetece fazer uma pequena pausa, reflectir sobre o trabalho cultural que se vai realizando, perspectivar novos projectos.

E recordo aqui um desses momentos em que eu conversava com uma amiga minha, que trabalha já há alguns anos em alfabetização, num bairro dos arredores de Lisboa.

Dizia-me ela a certa altura, apesar do seu entusiasmo e da sua extraordinária força de vontade em continuar presente nesta frente de trabalho cultural, que:

A lógica da alfabetização (entendida como um espaço de encontro, de diálogo, de aprendizagem e de reflexão sobre a própria aprendizagem sobre a vida, de busca de formas de participação mais activa nos desafios que a vida nos lança) é uma lógica nova que está contra a lógica da experiência anterior de cada um (no que esta tem de ligação com o poder instituído), que está contra a lógica da vida nesta sociedade onde a aprendizagem da democracia e da cooperação é um caminho difícil e complicado.

De facto, quando muito o trabalho de alfabetização acaba por ser um espaço que preenche duas horas, ao fim de um dia de oito horas de trabalho (ou mais, sem contar com o trabalho não remunerado) e de cansaço, em que tudo se passa geralmente de outro modo.

NA LÓGICA DO PODER INSTITUÍDO:

- Hoje em Portugal, a um morador dos bairros de lata não se pede que ajude a resolver o problema da habitação (que não é apenas o problema da sua casa ou do seu bairro mas um problema real do país);
- Hoje em Portugal não se pede a um operário que pense ou invente, exige-se simplesmente que execute, que produza mais.

Em termos oficiais (mesmo quando se tem um Plano Nacio-

nal de Alfabetização em curso) o mais importante não é que se saiba (no sentido lato) mas que se obtenha e apresente o Diploma. O importante são os números, daqueles que foram "atingidos" pelos cursos de alfabetização ao fim de um ano... são as estatísticas. Assim a quantidade assume um peso e um valor que não tem em conta as condições concretas, as possibilidades materiais e consequentemente a qualidade do processo de aprendizagem e a sua relação com a realidade sócio-económica.

Pessimismo derrotista? Não, apenas uma pausa para reflectir e medir forças.

Aqueles que se empenham nesta tarefa e se implicam diariamente, na aldeia, no bairro, na fábrica, na Associação ou na Colectividade, continuam a reflectir e imaginar como pode ser diferente.

Conscientes destas questões de fundo, duas alternativas lhes restam:

Cruzar os braços simplesmente e concluir pela impossibilidade, ou continuar a desenvolver um trabalho lento, mas atento ao quotidiano, que aposta nos pequenos projectos que por vezes buscam raízes no passado, recuperando tradições e valores significativos na vida do povo (e que vão sendo esvaziados nesta sociedade de consumo), para enriquecer e reinventar um futuro diferente.

Nesta preocupação de sair das quatro paredes da sala do Grupo de Alfabetização e de ligar o processo de aprendizagem à vida, aos desejos e aos esforços por uma vida melhor, alguma coisa de novo se vai fazendo por aí.

Gostaria de deixar aqui aos grupos de alfabetização, e não só, uma sugestão simples, mas com alguma viabilidade prática.

Não ignorando o velho provérbio que diz: Esta vida são dois dias e o carnaval são três, vem aí o carnaval!

Porque não aproveitar a época para fazer a festa?

Porque não lembrar o carnaval da nossa infância (como era festejado em cada zona)? Redescobri-lo, desenterrá-lo. Aquele carnaval autêntico, o nosso português. (Antes dos artistas brasileiros das telenovelas descobrirem Portugal) para fazerem o carnaval (tantos anos depois de Portugal ter descoberto o Brasil).

O carnaval dos cabeçudos, das bandas, das batalhas de flores (e de farinha), do enterro do bacalhau, do testamento do Rei-Mono, tão rico em expressão

plástica, corporal, musical, poética, etc. Tão livre e tão longe do parece mal, tão espontâneo e cheio de sátira aos problemas do quotidiano, ao ridículo convencional. Explosão de alegria e criatividade, forma de protesto ao velho.

Porque não contar aos nossos filhos, aos nossos netos como era?

Porque não fazer uma exposição viva de fotografias (que há lá por casa no álbum de recordações), de textos, canções e até trajes e máscaras.

Isto sobre o carnaval do passado. E quanto ao carnaval hoje, o que é que se pode fazer para que continue a ser uma verdadeira manifestação cultural, uma festa colectiva e autêntica (sem ser o carnaval oficial de consumo para turista)?

Porque não fazer mesmo uma pequena oficina, pegar em tesouras, papel, cola, fita-cola e jornais (materiais simples e recuperáveis) e construir máscaras (com a forma que se quer), fatos de roupa velha e até de papel para adultos e crianças?

Porque não inventar a música, reanimar as marchas carnavalescas (que nada tem a ver com o samba lá de fora), convidar a banda (se ela existir) e sair por aí rua fora. E no fim pode-se perguntar: o que é que fica depois de o Carnaval passar?

Não sei bem. Nunca se sabe até onde se pode ir sem começar. Mas tenho quase a certeza que ficará pelo menos na lembrança de cada um o convívio, o encontro, o acreditar que se aprende quando as pessoas se encontram e estão juntas, não só para fazer coisas que lhe nascem das mãos, mas enquanto as mãos trabalham a cabeça começa a pensar, a associar ideias, a sonhar, a imaginar, a inventar e a passar palavra.

No fim também conta aqui o modo como se aprende e muita coisa se aprende de muitas maneiras.

Filomena Viegas

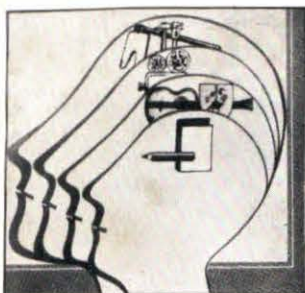
**pontualmente
à quinta-feira!**

**UMA NOVA FORMA
DE INFORMAR**

ponto

R da Atalaia 185-1 - 1200 Lisboa - Tel 368602/07/15

daqui e dali



ENCONTROS DE ASSOCIAÇÕES

Lembram-se dos velhos encontros de Associações e animadores culturais? Depois de três nunca mais nos voltámos a juntar! Já lá vão quase três anos... Que saudades!

Não haverá necessidade de novos encontros? Para quê? Para debater o quê? Como? Quando?

Era bom começarmos a pensar, a discutir sobre a forma de nos vermos, de estarmos, de trocarmos práticas, reflexões, problemas...

Lembram-se que no último encontro (o 3º, o de Coimbra, o de Julho de 79, o do tema formação) dissemos que interessava então fazer encontros a nível regional, discutir problemáticas locais.

Houve um em Viana, pouco tempo depois...

Agora uma novidade:

ENCONTRO DE ASSOCIAÇÕES E ANIMADORES DO DISTRITO DE SANTARÉM 7, 8 e 9 de Maio 82

Na sequência de Encontros locais e dos contactos com as Associações, Colectividades e Agentes Culturais da região, o

Centro Cultural Regional de Santarém está a organizar um Encontro Distrital de Associações e Animadores, estando já quase pronto o calendário e os conteúdos programáticos do Encontro.

São três os grandes temas em discussão:

1. Planeamento

- carácter técnico;
- aspecto prático (ateliers práticos destinados a exercitar fórmulas adequadas de planeamento e feitura de planos de actividades).

2. Informação

- regional, de tudo aquilo que existe na região. Levantamento o mais completo possível de Associações, Colectividades, organismos de Estado e particulares, instituições diversas, etc. Que actividades prosseguem; que tipo de apoio oferecem;
- nacional, de tudo o que existe no país. SEC, FAOJ, JCCP, INATEL, DGEA, Centros Culturais, outras instituições e Associações. Que actividades prosseguem; que tipo de apoio oferecem.

3. Política Cultural Descentralizada

- a Acção Cultural e Poder Autárquico. Papel das Autarquias no apoio e Dinamização Cultural. Análise de alguns casos.

O Encontro, que conta com o apoio, para além da Secretaria de Estado da Cultura, de autarquias do distrito, de instituições particulares e de técnicos convidados, vai ter lugar nas instalações da Câmara Municipal de Coruche.

II CURSO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE ANIMADORES SÓCIO-CULTURAIS

Organizado pela Oficina de Educação Ibero-americana, pela Universidade de Alicante e pela Caixa de Aforro de Alicante e Murcia, vai realizar-se na cidade de Alicante de 23 de Fevereiro a 2 de Abril de 82 o II Curso Internacional de Formação de Animadores Sócio-Culturais.

Morada a contactar Departamento de Obras Sociais Caixa de Ahorros de Alicante y Murcia

Don Vicente Marcos Martinez Av. Dr. Gadea, 1 — telef. (965) 120936 e 120937 — Alicante

COLÓQUIO SOBRE O SISTEMA DE ENSINO EM PORTUGAL

Nos dias 6 e 7 de Janeiro realizou-se no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa, organizado pelo **Jornal de Educação**, um colóquio sobre o **Sistema de Ensino em Portugal** a propósito do livro recentemente editado pela Gulbenkian.

Falou-se muito de Educação, de necessidades sociais e económicas, de recursos, de estruturas. Os debates tiveram algum interesse porque é raro pôr-se o dedo nas feridas, mas... não se saiu da escola.

As Associações, em tempos, deram cartas sobre estes assuntos. Hoje, ainda, o seu papel continua a ser importante na

formação (que a escola não dá) de crianças e juventude, na reflexão e resposta a muito do que as populações podem aprender.

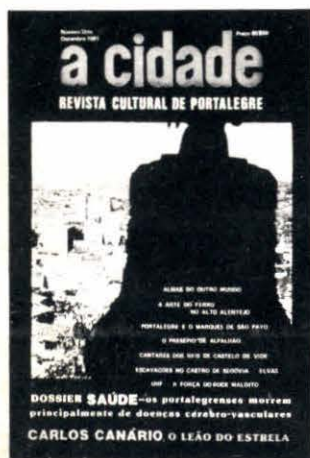
Para quando uma reflexão sobre o papel das associações nos modos de transmissão dos saberes, na abertura de novos horizontes culturais e sociais, nas mudanças de atitude, na aquisição das capacidades de intervenção, organização, gestão, reivindicação — de grupos importantes de adultos e crianças?

Para quando o auscultar das associações sobre necessidades culturais e educativas para fundamentar programas e conteúdos educativos? Para quando estudar como se aprende nas práticas educativas para fundamentar metodologias pedagógicas?

Para quando a presença das associações culturais nos debates sobre o Ensino?



CONTRIBUTO



"A CIDADE"

"A CIDADE" nasceu!

Já tem alguns meses de vida e vai no 2º número. Cheia de projectos, como tudo o que é

jovem, sabe que, para além do máximo empenho de todos quantos estão nela envolvidos, tem de contar fundamentalmente, para a sua total viabilidade, com o apoio dos organismos e instituições, locais e centrais (...), e resultou de uma necessidade real, sentida e intensamente vivida por quantos necessitam desenvolver por aqui, agora, uma actividade cultural" (Editorial da revista nº 0, Maio 81).

Quem folheia e lê fica a pensar que lá para os lados do Alto Alentejo as coisas "mexem". E que de facto a cultura ajuda a transformar a vida. Aqui está o nosso apoio; ao "miolo", ao grafismo e ao projecto.

Endereço

"A Cidade", revista cultural de Portalegre
Atelier de Artes Gráficas
Convento de Sta. Clara
1300 Portalegre

limiar :

12º ANO: UMA VIAGEM NO DESCONHECIDO

Mercado de Santana: Quem te acode ?

AS ELEIÇÕES DO DIRECTIVO E A GESTÃO ESCOLAR

Começaram as aulas: - e as salas ?

"LIMIAR"

Para quem esteve "nessas andanças" do movimento estudantil lá em 75, e viu nascer e morrer jornais liceais que prome-

tiam, como o "Contraste" ou o "Pegar pela raiz" — isto do "LIMIAR" é uma grande lição!

— Pelos vistos, é possível, jornalismo escolar de qualidade!

A prova-lo estão 28 páginas de cuidado grafismo e variedade de temas que um grupo de alunos e professores da Escola Secundária de Francisco Rodrigues Lobo, em Leiria, publicam. Imagino com que esforço, depois de várias horas de aulas.

O "Limiar" é uma revista de olhos bem abertos para a vida cultural da cidade de Leiria, abordando também temas como a mulher, o desporto, a música e... como não podia deixar de ser, o ensino e a escola numa perspectiva crítica e actualizada.

É preciso quebrar os muros da escola abrindo-a para a vida e o "Limiar" é já um passo positivo para isso.

M.H.

AS NOSSAS MEMÓRIAS...



O enterro do bacalhau em Beja

"A Etnografia e o Folclore no Baixo Alentejo"
Manuel Joaquim Delgado

O FUNERAL DO ENTRUDO

Era e ainda é costume nalgumas localidades do nosso país assinalar o fim do Carnaval com uma cerimónia fúnebre simulando um enterro e o respectivo cortejo de acompanhantes. Esta cerimónia, denominada nalgumas regiões "Enterro do bacalhau", mas também conhecida mais vulgarmente por "Enterro do Carnaval" ou "Funeral do Entrudo", consiste numa representação figurando um enterro, a que não falta na maior parte das vezes o caixão, e em que se imitam com mais ou menos rigor os cânones da liturgia católica para tais ocasiões, incluindo a presença de uma cruz (ou mais) e de lanternas.

É claro que tudo isto não passa de uma paródia, que representa a despedida que os foliões fazem ao seu dilecto companheiro de festas e brincadeiras, o seu querido Entrudo, levando-o à sepultura com honras de pompa e circunstância. O cortejo fúnebre, sempre muito pesaroso, atravessa as ruas da vila ou aldeia, chorando e lamentando em voz alta, às vezes com uivos lancinantes de desgosto, a perda do suposto morto. A viúva do falecido, mascarada para o efeito, chora mais que todos, lançando gritos de partir o coração, inconsolável pela perda do seu "querido maridinho", que era "tão bom, tão bom, que só lhe dava porrada aos dias de semana, sabendo guardar os Domingos e Dias Santos". Dos acompanhantes, uns tentam consolá-la lançando piadas a propósito, outros fazem coro com ela manifestando com a garganta a dor que lhes vai na alma. Por vezes, não raramente, estas encenações funerárias dão origem a excessos, entre os quais, na maior parte dos casos, o desrespeito pela Igreja e seus ritos fúnebres.

A cerimónia termina tradicionalmente com a leitura do testamento do finado, em que ele, com a irreverência e desfaçatez que lhe são próprias, alude a algumas pessoas da terra, descobrindo amores encobertos ou pequenos escândalos locais, enfim, satirizando a sociedade e os seus membros. Lida a sua última vontade, é o Entrudo queimado perante o choro convulsivo da viúva, que nesta altura, não contendo a sua dor, se rebola mesmo pelo chão aos gritos, lançado também em coro pelos amigos e parentes mais chegados.

Na maior parte das localidades, esta cerimónia realiza-se na Quarta-Feira de Cinzas, que é um dia de cruzamento entre dois ciclos do ano: o do Carnaval, pagão, que termina, e o da Quaresma, cristão, que se inicia.

José Alberto Sardinha